

**EXPRESSIONISMO ALEMÃO E ROMANTISMO: O CONCEITO DE
“DEMONÍACO” EM GOETHE**

PAULA TAINAR DE SOUZA¹

INTRODUÇÃO

Durante a Primeira Guerra Mundial vivenciamos inúmeras catástrofes. A Europa foi palco de uma das guerras mais sangrentas da história, onde temos a presença do terrorismo e horror no cotidiano. A tensão vivenciada acaba indo para a tela do cinema, que por sua vez, tornou-se também uma válvula de escape dos acontecimentos da guerra. Mesmo utilizando a realidade como inspiração, notamos que nas primeiras produções fílmicas, diretores e produtores se inspiraram na Literatura para criação de suas obras. Na primeira metade do século XX, o expressionismo influencia o cinema e ocorrem inúmeras produções fílmicas de horror na Alemanha, o *expressionismo alemão*. Mais do que representação do período, esses filmes serviram como testemunho histórico e devido a presença de um mundo umbroso, fantasmagórico e denso, por isso são consideradas obras *demoníacas*.

Lotte Eisner afirma que a utilização de demoníaco no título do livro *A tela demoníaca*, não significa “diabólica” como muitos compreendem, ela afirma que se apropria do sentido que Goethe compreendia. Diante dessa afirmação, o presente artigo tem a intenção de revisar brevemente esses assuntos citados acima, a fim de realizar uma compreensão do conceito de *demoníaco* a partir da perspectiva do escritor e poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe. Por isso foi necessário realizar um estudo acerca do que é um conceito e suas complexidades, e utilizaremos os estudos do filósofo Gilles Deleuze.

A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO CONCEITO

Um conceito sempre remete a uma ideia, é a formação da mesma através de uma palavra, a concepção de algo. Para o filósofo Gilles Deleuze, o conceito é próprio da Filosofia, e devido a natureza criativa do filósofo, ele é o conceito em potência. Embora outras áreas do saber tenham se apropriado dessa atividade, como: a comunicação, design,

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES.



sociologia, etc., de acordo com Deleuze, criar conceito é próprio do campo da Filosofia, justamente pela complexidade de sua natureza. Por surgir necessariamente de um ato criativo, o conceito é uma forma de o filósofo contribuir com a sua marca singular no mundo durante sua existência, “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 10).

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência [...] A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. [...] Não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também *sensibilia*. (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 13)

Embora o conceito seja uma criação própria da Filosofia, ele é uma imagem mental carregada de significados que auxilia também nos estudos e pesquisas de outras áreas. Por esse modo, se for uma ferramenta que irá somar no desenvolvimento das análises, nada impede que outros pesquisadores utilizem-no quando necessário. A contínua criação de novos conceitos se faz necessária justamente porque os existentes tornam-se obsoletos. Quando não respondem mais os questionamentos torna-se necessário o ato de criação, já que tudo que se cristaliza tende a quebrar. O processo de criação e sua relação com a construção de uma ética, e focar experimentar a existência e atualizá-la de forma coerente com essa ética artística é difícil, uma imagem pensamento singular. É um completo Caos com o qual estamos nos confrontando a todo instante.

“Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. [...] Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que o criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: ‘os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhe são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, cria-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los.’” (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 13-14)

Sabemos que a nossa realidade é caótica, então, só é possível acontecer o ato de criação a partir do Caos. Há três formas principais de pensamento para Deleuze, e essas são filhas do Caos, chamadas de Caóides: Arte, Ciência e a Filosofia. Ambas querem preservar traços de infinito, de acontecimento, a partir do processo criativo, na seleção de aspectos de realidade.

Ou seja, o artista “recorta” a realidade que resulta em sua obra de arte, é um processo absolutamente caótico, e só em relação com a vida cria-se coisas legítimas. Os conceitos enquanto instrumentos da mente possibilitam uma compreensão melhor do tema que será abordado. E essa criação é necessária, pois, o ser humano enquanto ser que necessita do novo e busca o inédito para estimular o pensamento, está criando também novos conceitos para sua satisfação. Por isso ele tem que se reinventar, sendo essa uma das maneiras de respeitar a fluência e o movimento dos acontecimentos.

O CONCEITO DE *DEMONÍACO* EM GOETHE

O significado do conceito *demoníaco* que foi propagado até a atualidade tem forte influência do cristianismo. O mesmo compreende de forma negativa, por isso ocorre essa interpretação deturpada das obras de horror. *Demoníaco* é referente ao que é possuído por demônio, o que é satânico, e facilmente confundido com diabólico. De acordo com a proposta da presente pesquisa, *demoníaco* e diabólico possuem inúmeras diferenças e tem pouca semelhança com a compreensão do senso comum. A partir de todos esses diagnósticos, notamos que existe um olhar negativo para as produções da literatura romântica, expressionismo alemão, etc. Essas produções lidam com o que causa medo, repulsa e por isso, muitos a encaram como invocação de carga negativa.

Existe grande temor do conceito de *demoníaco*, assim como a figura que remete. Muito explorado pela ficção, que brincam com o medo e a relação favorável com as causas e consequências que as composições possíveis com o horror e certas criaturas, representam. “Num conceito, há [...] componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. [...] cada conceito opera num novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992: 30). Notamos isso em *demoníaco*, remete a sinônimos, significações e relações, que vão sendo inseridos de forma aleatória, e gera uma série de sentidos comuns.

No ocidente, o uso popular do conceito *demoníaco* é relacionado a religião cristã, está munido de conjunto de valores em que ele tem uma conotação totalmente negativa e relacionado ao mal, ruim, ou seja, em contraposição ao bem. No cristianismo o conceito é parte de uma dualidade entre bem e mal: deus e diabo, belo e feio, etc. Na Idade Média o indivíduo que fugisse a fôrma, ou apresentasse qualquer comportamento considerado estranho era visto como possuído por demônios. Vemos resquício dessa perspectiva até hoje na nossa

sociedade, o catolicismo e as demais religiões cristãs ainda exercem tanta influência que ditam padrões de relacionamento, moral, etc. Na perspectiva cristã, diabólico é o termo que melhor se encaixa para referir-se ao que condenam. Devido a confusão entre os dois conceitos, propaga-se um ponto de vista negativo acerca do que é *demoníaco*, auxiliando no pré-conceito acerca de qualquer coisa que se relacione a isso, inclusive o cinema e a literatura.

Demoníaco refere-se as criações e produções artísticas, por exemplo: Literatura romântica no século XIX e os filmes do Expressionismo Alemão no início do século XX. A singularidade de *demoníaco* está em seu caráter positivo, pois é relacionado com o ato de criação a partir do horror poético. O que foge do padrão, que é anormal, monstruoso, presente nas artes, não se relacionando com a visão religiosa do Diabo em oposição a Deus, como a maioria compreende.

Bloch realça: existe também o demoníaco “favorável” ou positivo. São as grandes revoluções libertadoras (o mal, comenta Bloch, é que para cada mil guerras há somente dez revoluções que têm a ver com a liberdade). Demoníaco “favorável” é, igualmente, o gênio que dá à luz algo novo. Nesses casos, não domina a impetuosidade, mas o entusiasmo. E o entusiasmo é capaz de sacrifício e de comunicação. Possui consciência.” (FRAIJÓ, 1999: 21)

Em Goethe notamos uma significação oportuna para o conceito de *demoníaco*. Ele representa a ação e a criação, totalmente voltada para a produtividade, inspiração artística que continua em plena atividade. Exemplo disso é a grande admiração de Nietzsche pelo ‘esplendor da atividade’ presente em Prometeu, e em vários momentos o filósofo refere-se a isso em sua obra. Goethe era um poeta, e quando escreve o *Fausto*, o protagonista do romance faz um pacto com Mefistófeles em busca de sabedoria plena. Mefistófeles pode ser considerado a representação desse demônio “favorável” que está presente na arte, no cinema e literatura; “o demônio de Goethe encarnou-se em seu *Fausto*; o de Beethoven, na *Heroica*; o de Dante, em *A Divina Comédia*” (FRAIJÓ, 1999: 21).

O *demoníaco* criativo é resultado da tensão presente entre criação e destruição, ou seja, positivo e negativo – mais uma vez a presença da dualidade -, lembrando que toda criação é decorrente do Caos de acordo com o filósofo Gilles Deleuze. Esse conceito está totalmente relacionado com as filhas do Caos, e em Goethe *demoníaco* representa também criação poética, surge no campo da Arte. No livro *O demoníaco na Literatura*, o autor afirma que a história de Fausto ficou tão famoso devido a valorização de Martinho Lutero ao mito. Foi ele

quem instituiu a relação entre Fausto e o demônio, Lutero populariza o mito, que Goethe irá escrever posteriormente. Era um mito que explicava muito bem o demônio, desse modo, foi utilizada pelos protestantes como um exemplo religioso, devido intenções de realização de uma nova caça as bruxas. O arrependimento de Fausto no fim da vida, pelos erros cometidos perante Deus – buscar por conhecimento em excesso, pacto com o demônio, ambição, etc. –, foram utilizados pelos protestantes como exemplo aos fiéis, e para propagar o temor e culpa. Essa lenda primeiramente é reescrita por C. Marlowe no século XVI, e posteriormente Goethe o eterniza em seu clássico e o publica no século XIX.

Goethe resume o seu entendimento do conceito de *demoníaco* da seguinte forma:

“O demoníaco aparece de modo ainda mais terrível quando se apresenta como o elemento preponderante num homem qualquer. Tais homens nem sempre são mais eminentes mediante o seu espírito ou talentos; raramente se reconhecem pela bondade do coração. Mas emana deles uma força incrível exercem um incrível poder sobre todas as criaturas e até sobre os elementos. Quem pode dizer até onde se poderá entender semelhante influência?” (GOETHE, 1999: 325)

Quando analisa o conceito de forma isolada não parece tão temido, é como se esse adjetivo estivesse distante, e assim não pode provocar nenhum dano aos indivíduos, é só algo que remete a uma ideia. Mas, quando é encarado como força que se apodera de um indivíduo, resultando em possessão, se torna algo concreto. Quando esse mal se materializa e então se torna um possível causador de dano, os indivíduos deixam levar-se por espíritos malignos, por isso são também malignos. A presença de características humanas e do que é possível causa ainda maior pavor, pois “o *demoníaco* tornou-se independente do demônio. O demoníaco é um nome que se dá ao que acontece conosco, às maldades que perpetramos. Nosso demônio não é mais a figura bíblica, mas nós mesmos” (FRAIJÓ, 1999: 8).

LITERATURA, CINEMA E OBRAS *DEMONÍACAS*

A relação entre Literatura e Cinema, surge logo no início do século XX, quando o cinema ainda era mudo, e conseqüentemente o cinema de horror bebe na fonte do romance gótico resultando em inúmeras adaptações – romance *Frankenstein* da Mary Shelley é um dos mais famosos. O Romantismo é a arte do sonho e da fantasia, explora-se a inspiração dos momentos mais marcantes da vida subjetiva, por exemplo; o sonho, o amor, a saudade, a

paixão, a fé, no sentimento da natureza e inclusive na força das lendas nacionais. Tem características semelhantes com o expressionismo alemão que se inspirou muito nesse gênero literário para produção de seus filmes.

A Literatura Romântica é um movimento estético, político, intelectual, filosófico que surge no final do século XVIII – as vésperas da unificação alemã –, e tem seu auge no século XIX. O romantismo surge em oposição ao Arcadismo – predomina o espírito racional dos clássicos; Literatura produzida para a nobreza; busca perfeição, harmonia, disciplina, equilíbrio, clareza –. É um período literário que representa a classe burguesa, com o bom êxito político da Revolução Francesa no ano de 1789, que derrubou a aristocracia causando desordem, e a forte influência econômica da Revolução Industrial que estava surgindo na segunda metade do século XVIII. Dessa forma toda essa nova ideologia rompe com a Literatura Clássica, reflexo do Antigo Regime, e abrem espaço para uma nova forma de construir e olhar para a arte: livre, sem regras e modelos, baseada na imaginação e sentimentalismo.

A presença do gótico no Romantismo tem característica como o *subjetivismo* apresentando uma visão particular da realidade, *fusão do grotesco com o sublime*², rompendo o padrão de beleza que vigorava naquele momento, *idealização* ressaltando a imaginação e fantasia, *egocentrismo* onde há um apelo narcisista, buscando apenas o próprio eu, um exacerbado *sentimentalismo* relacionado às emoções, *medievalismo*, *indianismo*, *religiosidade*, *condoreirismo*, a *iconoclastia*. Destrói todos os símbolos e imagens anteriores e exteriores a ela que estão presentes no Arcadismo, agora é possível representar o horror, medo, feito, catástrofes presentes na sociedade. Essa produção representa uma ruptura não só com o movimento literário presente até então, mas também uma reforma nos padrões sociais que regiam o modo de vida dos indivíduos. Assim manifesta instintos que se encontravam dormentes, como a vida, o terror, sombrio, gosto pelo sublime e grotesco, além do fato inevitável de que todos um dia irão morrer.

O Gótico no Cinema foi muito explorado com os filmes do *expressionismo alemão* que eram chamados também de *schaufilme* (filmes arrepiantes). Embora tenha seu auge pós Primeira Guerra Mundial, podemos dizer que surgiu praticamente junto com a invenção do cinematógrafo, em 1896 é produzido o primeiro filme do gênero *Escamotage d'Une Dame*

² Dois exemplos famosos dessa fusão são *A Bela e a Fera*, e *O corcunda de Notre Dame*, onde é apresentada em ambos a feiúra física com uma grande beleza interior, que no primeiro momento assusta, mas encanta quem conhece melhor os personagens e esses podem revelar seu amável coração, são dois clássicos que ficaram famosos inclusive para o público infantil.



Chez Robert Houdin, que mais era uma produção de truques do que terror que teve direção e produção de George Méliès; e em 1912 surge *A conquista do Pólo*, também de George Méliès, onde aparece o famoso abominável homem das neves que devora um dos expedicionários.

As produções do *expressionismo alemão* influenciam inúmeros filmes posteriores. Têm predominância de: maquiagens fortes nos personagens, pois era necessário que as expressões ficassem bem evidentes na tela; o contraste entre claro e escuro no filme preto e branco, e quando ficaram coloridos os filmes apresentavam um contraste nas cores com a finalidade de causar torpor no espectador; o figurino era bem extravagante e em muitos personagens remetendo ao século XIX; a atmosfera sinistra com pouca iluminação, e um tanto fantasmagórico. Isso ocorria porque o diretor tinha a intenção de passar a sensação de loucura e desespero, unindo todas essas singularidades e o potencial de criação do cinema, ele conseguia, mesmo que inconscientemente, causar uma sensação de mau agouro, pessimismo e etc.

O expressionismo no cinema obteve sua popularização na Alemanha, desenvolvendo-se em outros países da Europa e depois vai migrando para América, tornando-se filmes do gênero de terror. Muitas produções do gênero foram criadas inseridas em contexto conturbado e em que muitas catástrofes aconteciam. Os filmes produzidos na Alemanha nesse período trazem consigo uma carga pesada de representação, imaginário, crítica à sociedade, que além de abranger o contexto da primeira guerra – fome, morte, catástrofes, violência, terrorismo, etc. Nesse aglomerado de indivíduos, notamos a presença de um *imaginário coletivo* atuando, o mesmo é formado por sonhos, símbolos, imagens, etc., grosso modo são representações realizadas de forma coletiva, inconsciente ou não, que circula por determinado grupo.

A obra *Fausto* é um mito reescrito por Goethe, que ficou muito famoso e foi adaptado para o cinema em 1926 pelo diretor F. W. Murnau. A história – considerada uma obra-prima alemã – é um drama, em que Fausto solicita à Mefistófeles sabedoria plena, em troca de sua alma. A obra tem a presença da dualidade, Mefistófeles representando uma energia maligna, e Deus representa o oposto. Ambos fazem uma aposta, em que Mefistófeles deve conquistar a alma do indivíduo favorito de Deus, Fausto. O final é trágico e também traz a prova de que o espírito humano tem desejo pelo mal, independente da pureza de sua alma.

Esse fascínio pelo obscuro explica o motivo que obras de horror fazem tanto sucesso e atraem tanto público. Além disso, a alma humana é insaciável, buscando sempre mais. Fausto mesmo com muita sabedoria sente-se infeliz, e em determinado momento pede que

Mefistófeles ajude-o a conquistar Margarete, por quem se apaixona. Em diversos momentos ele solicita a presença do demônio e ele o auxilia em todas as suas atitudes, e Fausto acaba desenvolvendo dependência de Mefistófeles, não tendo mais capacidade de agir sozinho. O demônio que dialoga com Fausto durante boa parte da obra é a representação perfeita do conceito e figura *demoníaca* que cria, inspira e fornece conhecimento. É possível que Goethe tivesse a pretensão de conhecer muitas coisas, em sua biografia é possível notar a busca por conhecimento em várias áreas, e faz passar esse desejo através de sua obra.

Outro filme muito famoso do *expressionismo alemão* é *O gabinete do Dr. Caligari* (1919), diante do período conturbado o diretor aparenta ter uma tentativa de representação dessa loucura que pairava no período entre os indivíduos, mostrando um cenário escuro, perturbador, e com a arquitetura e as casas tortas. Na visão de alguns críticos de cinema³ Caligari representa os líderes insanos que enviavam os soldados para matar e morrer na guerra. Podemos afirmar que Caligari é a figura *demoníaca* do filme, destituído de bondade. E os soldados são representados por Cesare, o sonâmbulo que é hipnotizado pelo Dr. Caligari para realizar uma de suas profecias, ou seja, os soldados obedecendo a ordens de mestres dementes com patente.

As primeiras décadas da história do cinema trouxeram várias tentativas de se adaptar romances góticos para as telas, porém foi somente nos anos 1920 que uma tradição de filmes de terror⁴ de inspiração gótica foi estabelecida, com películas que deviam muito aos livros do gênero escritos nos séculos XVIII e XIX e à aura sombria e lúgubre dos filmes expressionistas alemães, como *A morte cansada* (1921), de Fritz Lang (1890-1976), e *Nosferatu: uma sinfonia de horror* (1922) de F. W. Murnau (1888-1931). (HUNTER, 2011: 88)

Os primeiros filmes produzidos na Alemanha abrangem intensamente o contexto da Primeira Guerra e se estendem até o período em que os alemães se sentem humilhados pela imposição do Tratado de Versalhes⁵, recebendo a culpa por todas as atrocidades ocorridas até então. Juntamente com a ascensão de Hitler ao poder, no ano de 1930 o filme gótico chega a

³ CONY, Carlos Heitor. O gabinete do Dr. Caligari. In: LABAKI, Amir (org). Folha conta 100 anos de Cinema. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995, p. 13-17.

⁴ Embora aqui o autor refira-se como Terror, o filme de terror surge de fato no ano de 1930, de acordo com outros autores que estudam a história do cinema.

⁵ O Tratado de Versalhes foi um acordo pós Primeira Guerra, em que os países Aliados desenvolveram normas que a Alemanha seria obrigada a aceitar, já que ficara responsável por todos os acontecimentos e atrocidades dessa disputa, ela seria obrigada a pagar pensão as viúvas, mutilados e órfãos decorrentes da guerra, devolver inúmeros territórios, pagar indenizações a alguns países como, por exemplo, a França, ter um número limitado de homens para o exército, não poder acumular material bélico e etc.



América devido a Grande Diáspora que ocorre da Alemanha para outros países da Europa e América, mesmo período em que surge o “filme de terror”; esse é um ótimo exemplo que deixa evidente a representação dos acontecimentos presentes na arte. Embora os filmes do expressionismo tenham atualmente o *status* de clássico e alcançado popularidade no período, “comparada à história cinematográfica de outros países, a do cinema alemão começa tarde. Qualquer julgamento sobre o período inicial que vai de 1913-14, se reduz a constatações negativas.” (EISNER, 1985: 11). Inclusive as produções *demoníacas* não agradaram a todos no período em que foram produzidas, e mesmo com todo o teor de crítica, foram proibidas na década de 1930, a afirmação era de que a guerra já estava produzindo horror demais. O imaginário é um plano de enfrentamento político e social, que influencia o surgimento da identidade. Nesse sentido, a presença do horror no cinema e suas inúmeras representações e interpretações distintas também exerce influência. O cinema é a forma mais popular e eficaz de representar, e nesse caso, transportar o horror que ocorre no cotidiano da população para a tela do cinema, ao mesmo tempo em que critica, é um entretenimento.

CONCLUSÃO

Embora o significado que tenha se propagado na nossa sociedade ocidental seja de teor religioso, sem separação entre *demoníaco* e diabólico, notamos que o conceito possui imensa complexidade. Essa visão deturpada traz um preconceito às obras: a arte e a crítica social presentes no *expressionismo alemão*. No entanto, fica evidente que além da arte ser um testemunho histórico, representam o contexto em que foram produzidas – grande depressão, crises, medos, inseguranças, que permite transportar a umbrosidade do cotidiano para a tela do cinema e torna-se digno de análise.

A visão dualista e pejorativa cristã para o termo propaga uma negatividade relacionada com o mal, e esse traz preconceito para com o diferente, o “feio”, nas artes. Vimos que, embora possa ter alusão a Satanás, presença do diabo tão temida pelos religiosos, ou até mesmo insanidade, *demoníaco* é o anormal, o que pode remeter a figura do monstro tão explorada pela ficção, bem sugestivo para o *expressionismo alemão*. O conceito de *demoníaco* remete a uma ideia poética de criação, produtividade, e dedicação à Arte. Goethe, um ilustre escritor, representou em sua obra *Fausto* a figura no demônio encarnada em Mefistófeles, e a busca pelos artistas a essa inspiração infinita da criação poética, filha do Caos, que ‘congela’ os acontecimentos da superfície.



REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 165-196.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CONY, Carlos Heitor. O gabinete do Dr. Caligari. In: LABAKI, Amir (org). **Folha conta 100 anos de Cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1995, p. 13-17.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EISNER, Lotte H. **A tela demoníaca**: as influências do Max Reinhardt e do Expressionismo. Tradução de Lúcia Nagib. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Instituto Goethe, 1985.
- FRAIJÓ, Manuel. **Satanás em baixa**. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- GOETHE, J. W. **Memórias: Poesia e Verdade**. Tradução de Leonel Vallandro. Brasília: UNB/Hucitec, 1999.
- HUNTER, Russ. Terror gótico. In: KEMP, Philip (org). **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011, p. 88-91.
- MAGALHÃES; BRANDÃO; FERRAZ; LEOPOLDO (orgs). **Demoníaco na literatura**. Campina Grande – PB: Eduepb, 2012.
- MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, Denise Viuniski da (Orgs). **Deleuze vai ao cinema**. Campina, SP: Alínea, 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.